

CRISE GLOBAL

Trabalhadores que ganham até dois salários mínimos, contratados durante o avanço da economia nacional nos últimos anos, são os que mais correm risco de ser demitidos. Apesar de remunerarem melhor, exportadores também podem cortar vagas

136

As maiores vítimas da recessão

» ANA D'ANGELO

A recessão global que bate às portas das nações desenvolvidas e, inevitavelmente, respingará no Brasil virou uma das maiores ameaças ao emprego dos trabalhadores situados nos extremos da pirâmide de renda da iniciativa privada. Em uma ponta, estão os que ganham até dois salários mínimos e conquistaram suas vagas no embalo do crescimento econômico dos últimos anos. Na outra, ficam os funcionários de atividades que pagam os melhores vencimentos — loteados nas empresas exportadoras da área de mineração e siderurgia, de metalurgia e automobilísticas e da área financeira.

Esses setores estão diretamente expostos aos efeitos negativos do dólar desvalorizado em relação ao real e da redução da procura por matérias-primas e bens de maior valor agregado no mercado internacional. Outro grupo que, embora não esteja no topo salarial, também fica na mira do desemprego é composto pelos

trabalhadores da indústria de calçados e vestuário. Tradicionais exportadores, eles sofrem ainda a concorrência das mercadorias importadas da China.

“O impacto nos empregos vai depender do tamanho da crise e das medidas que o governo brasileiro vai adotar”, avalia o professor da PUC/Rio José Márcio Camargo, economista da Opus Gestão de Recursos. O analista do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), Sérgio Mendonça, concorda: “As medidas que serão tomadas internamente ditarão os efeitos para os brasileiros”.

Na semana passada, a presidente Dilma Rousseff sinalizou a adoção de medidas quando prometeu contornar a crise internacional, reforçando o mercado interno para manter a atividade econômica e os empregos. Tudo para não repetir o que aconteceu na crise de 2008, quando a desocupação, que vinha em queda desde 2003, tornou a subir. O setor industrial, tradicionalmente o primeiro a sentir o desaquecimento da economia, comandou

as demissões. Entre o fim de 2008 e meados de 2009, a taxa de desemprego calculada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) passou de 7,5% para 9%. Hoje está em 6,2%.

Escolha

A produção industrial já desacelerou no segundo trimestre do ano como resultado das medidas do governo para restringir o crédito e do aumento das taxas de juros para conter a inflação em alta. Inicialmente, a estratégia era promover um pouso calculado da atividade para o país renovar o fôlego e continuar crescendo, com consumo doméstico controlado. Agora, no entanto, com a crise global, a rotina nas fábricas pode desacelerar mais forte do

que o desejado, resultando em corte de vagas e redução da renda dos consumidores. O emprego no setor já deu sinais de queda em junho, com recuo de 0,2%, de acordo com o balanço divulgado pelo IBGE esta semana.

“O governo tem uma escolha difícil, entre controlar a inflação e manter o emprego”, resume José Márcio Camargo. Segundo ele, para garantir a geração de vagas no mercado de trabalho, a equipe de Dilma Rousseff terá que incentivar o consumo interno, movimento que alimenta a inflação. Se deixar a atividade econômica brasileira ao sabor da crise externa, sacrificará mais vagas, diz ele. “O mais provável é que em 2012 haja aumento do desemprego, dependendo da redução da demanda no mundo”, prevê.

Quem paga mais e menos

Radiografia dos rendimentos no país

Salários em R\$*

Agropecuária	1.459
Indústria	
Extrativa	5.880
Petróleo, biocombustíveis e bebidas	4.926
Produtos químicos	4.716
Fabricação de veículos e equip. de transporte	4.411
Metalurgia	4.005
Serviços de utilidade pública	3.912
Fabricação de máquinas e equipamentos	3.337
Fabricação de papel e celulose	3.179
Fabricação de equipamentos eletrônicos e ópticos	3.085
Transformação	2.504
Artigos de borracha e material plástico	2.371
Fabricação de produtos de metal	2.298
Construção	1.942
Produtos alimentícios e bebidas	1.939
Outras indústrias de transformação	1.923
Produtos minerais não metálicos	1.839
Produtos têxteis e artigos de vestuário	1.349
Serviços	
Atividades financeiras	4.997
Serviços de tecnologia da informação	4.140
Comunicações	4.017
Administ. pública, defesa e seguridade	2.661
Educação	2.470
Saúde e serviços sociais	2.259
Transporte, armazenagem e correios	2.248
Outros serviços	1.875
Atividades imobiliárias	1.866
Artes, cultura, esporte e recreação	1.845
Serviços prestados a empresas	1.730
Comércio e reparação de veículos automotores	1.573
Alojamento e alimentação	1.123

VALOR DAS VAGAS EXISTENTES

Em relação ao total de trabalhadores com carteira assinada

Faixa de salário	País	DF
Até um salário mínimo	10,4%	8,3%
Acima de 1 até 2 mínimos	48,3%	46,8%
Acima de 2 até 3 mínimos	17,8%	15,7%
Acima de 3 a 5 mínimos	12,2%	11,9%
Acima de 5 a 10 mínimos	7,2%	9%
Acima de 10 mínimos	3,8%	8,3%

VALOR DAS VAGAS ABERTAS

Em relação aos novos postos gerados

De 2003 a 2006

TOTAL		4.809.532
Faixa salarial	Quantidade	Participação
Até 1 salário mínimo	743.221	15,5%
Acima de 1 a 2 mínimos	4.066.311	84,5%
Acima de 2 a 3 mínimos	118.366	-
Acima de 3 a 5 mínimos	169.102	-
Acima de 5 a 10 mínimos	220.361	-
Acima de 10 mínimos	300.913	-

De 2007 a 2010

TOTAL		9.199.680
Faixa salarial	Quantidade	Participação
Até 1 salário mínimo	900.861	9,8%
Acima de 1 a 2 mínimos	5.242.968	57%
Acima de 2 a 3 mínimos	1.550.367	16,9%
Acima de 3 a 5 mínimos	974.187	10,6%
Acima de 5 a 10 mínimos	425.451	4,6%
Acima de 10 mínimos	105.846	1,5%

Trabalhadores no DF a partir de 40 anos ganham mais

Em R\$

Até 19 anos	749
De 20 a 29 anos	1.663
De 30 a 39 anos	2.590
De 40 a 49 anos	3.525
50 a 59 anos	5.014
60 a 69 anos	5.734
Acima de 70 anos	6.448

* Dados de 2010

Fonte: Gfip - Ministério da Previdência Social (2010)